

Novos Tempos, Velhas Recomendações Sobre a Função Analítica

Resenha | PAIM FILHO, Ignácio; LEITE, Lísia. **Novos Tempos, Velhas Recomendações Sobre a Função Analítica (1912-2012)**: Freud – 100 anos depois. Porto Alegre: Sulina, 2012. 151 p.

Ana Paula Terra Machado

Membro Associado da SBPdePA.

No centenário dos grandes artigos técnicos freudianos, merece ser saudado um livro que aborda a teoria da técnica, contextualizando os escritos de Freud para o nosso tempo.

Os autores desenvolvem suas ideias e reflexões apoiados na metapsicologia, fazendo um verdadeiro mergulho no caldeirão da feiticeira, extraindo dos textos os fundamentos para discorrerem sobre a função analítica.

Transitam desde as Afasias (1891), artigo que não está incluído nas “Obras Completas”, até o “Esboço de Psicanálise”, publicado postumamente em 1940.

O trabalho dos autores, desde a introdução, possibilita constatar o quanto a obra do criador da psicanálise permanece como fundamental fonte de estudo. Se a psicopatologia avançou em direção a aspectos mais regressivos do funcionamento psíquico, Ignácio e Lísia encontram no texto freudiano a sustentação para teorizar sobre os desafios que a clínica impõe cotidianamente aos que exercem a psicanálise.

No capítulo inicial, a gênese do psiquismo é discutida à luz da metapsicologia. Salientando que o inconsciente é mais abrangente que o recalcado, os autores argumentam que os destinos pulsionais anteriores ao recalque, transformação no contrário e retorno sobre si mesmo, são os precursores da fundação do aparelho psíquico. Consideram que estes movimentos pulsionais estão relacionados com o inconsciente que nunca foi consciente, remetendo a um tempo mítico. Cabe ao recalçamento originário instaurar o tempo histórico, que terá sua expressão da lógica temporal através do *nachträglich* (a posteriori).



Pensar por este viés sobre a origem do aparelho psíquico, sobre o arcaico, é uma abertura para a instrumentalização do trabalho com os traumas precoces.

Consideram que a dialética do inconsciente recalçado e do inconsciente não recalçado lança as bases para a compreensão do representável e do irrepresentável, questão atual da clínica psicanalítica.

No segundo capítulo encontram-se ponderações sobre o nosso tempo e como a função analítica pode ser exercida dentro da conjuntura em que vivemos, na qual os ideais narcísicos têm tanta força. Para o enfrentamento desta situação, os autores enfatizam o compromisso do analista com a questão ética que está centrada na renúncia aos seus desejos, na abstinência. Tal possibilidade seria viabilizada, sobretudo pela análise do analista. É preciso que o analista saiba de si, de seus desejos, e possa abrir mão destes para que o processo psicanalítico prossiga.

Relacionam a função analítica com a função paterna, observando que a função paterna é interditora do prazer narcísico.

O capítulo seguinte é dedicado à função da escuta, que tem por base a atenção flutuante do analista como a contrapartida da associação livre do analisando. Sobre este tema, os autores têm como referência os casos clínicos e também a autoanálise de Freud, relatando o contexto no qual foram construídas as regras que regem o trabalho analítico.

Apresentam uma interessante abordagem da atenção flutuante, relacionando-a com a pulsão. Consideram que a “atenção” está vinculada à força de ligação da pulsão sexual, enquanto a “flutuação” corresponde à força disruptiva da pulsão de morte. Sustentar esta condição paradoxal da atenção flutuante, a de permanecer atento e ao mesmo tempo flutuar, não fixando a percepção em nada específico, permitiria a interação dos inconscientes da dupla analítica. Este seria o caminho para a interpretação, o de colocar em palavras o que foi captado na relação entre a dinâmica psíquica do analisando e do analista.

É no quarto capítulo que a transferência, a mola mestra da técnica psicanalítica, é explorada. É sobre “o amor transformador”, como referem os autores, que ocorre o processo analítico. Partindo da premissa freudiana de 1912, de que a transferência é sempre resistência, fazem uma dupla leitura dessa afirmação: “de um lado, está a serviço da manutenção do recalque, das forças protetoras do eu; de outro, está a serviço de fazer falar o inconsciente calado pelo recalque” (p. 67).

No texto, acrescentam às suas reflexões contribuições de autores pós-freudianos com o intuito de demonstrar a ampliação do conceito de transferência e como esta opera na neurose, na perversão e na psicose, articulando a sua manifestação com a defesa que caracteriza estas estruturas: recalçamento, desmentida e forclusão. Refletem, ainda, sobre a força da repetição do que não foi prazeroso, expressão da pulsão de morte, que caracteriza a compulsão à repetição do traumático que permanece desligado da cadeia representacional. É nessas situações que as construções ganham espaço na cena analítica. Inserem, neste contexto, o trabalho do inconsciente do analista na busca de criar significados, criar palavra, permitindo ligações das marcas psíquicas que não têm representação-palavra.

Neste sentido, é interessante pensar por que os autores não contemplam a contratransferência como um instrumento fundamental para a compreensão dos fenômenos da clínica. Seguem estritamente a proposta freudiana, corroborada por Lacan, de que a contratransferência é uma resistência do analista, um ponto cego que obstaculiza o processo analítico.

No que concerne à psicanálise contemporânea, a contratransferência é considerada por muitos autores como uma comunicação oriunda do campo analítico que envolve um trabalho psíquico do analista para posteriormente servir como uma orientação para o trabalho do psicanalista. Faço esta breve alusão a uma outra perspectiva da contratransferência porque a leitura deste capítulo permite referendar o entendimento da contratransferência como produto do encontro analítico, no qual são consideradas as ressonâncias dos dois inconscientes, produzindo efeitos no par analista-analisando.

O tema da associação livre é aprofundado no quinto capítulo. A regra fundamental é ressaltada como o próprio método pelo qual pode se acessar o inconsciente do analisando. Porém, nas patologias que, por seu caráter regressivo, não estabelecem a neurose de transferência, as patologias narcísicas, os autores propõem que a associação livre venha a ser construída. A meta seria proporcionar que o analisando alcance a possibilidade de associar livremente.

Na parte final do livro encontram-se dois capítulos escritos individualmente.

Ignácio Paim apresenta um texto vigoroso e criativo sobre o legado freudiano, centrando suas considerações nos derradeiros textos compilados por ele como uma tetralogia: “Análise terminável e interminável” (1937); “Construções em análise” (1937); “Cisão do eu e o processo de defesa” (1938); e “Moisés e o monoteísmo” (1934-1938). Nesses textos, destaca a pulsão de morte e suas manifestações como

determinantes para a compreensão do psiquismo. Desenvolve suas ideias referindo-se a momentos cruciais da teoria, as “viradas”, que são marcos teóricos nos quais a teoria sofre ruptura, reformulações e acréscimos. De uma forma original, tece as suas recomendações enfatizando que todo o analista deve traçar uma caminho individual que vá da heteronomia a autonomia.

No capítulo final, Lisia Leite discorre sobre a ética, destacando de forma crítica e reflexiva a importância de o analista conhecer o seu desejo para poder sustentar o seu trabalho com o analisando.

A leitura de “Novos Tempos, Velhas Recomendações” é uma oportunidade de revisitar Freud sob a perspectiva do trabalho de elaboração dos conceitos fundamentais da técnica, realizado pelos autores que, através das suas criativas ideias, reasseguram a atualidade do texto freudiano.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA

Ana Paula Terra Machado

Rua Florêncio Ygartua, 271/402

90430-010 Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: anatm@terra.com.br